

LUZ, CÂMERA E AÇÃO: ENTRE MEMÓRIAS E SILENCIAMENTOS NO FILME DOZE ANOS DE ESCRAVIDÃO

Elane Cristina do Amaral¹
enale13@yahoo.com.br

RESUMO

O atual artigo busca pensar sobre o filme “Doze Anos de Escravidão”, colocando em foco algumas reflexões sobre como a escravidão tem sido retratada pelo cinema. O filme é baseado em um relato verídico, pensado a partir das memórias, transformadas em livro, de Solomom Northrup, o qual era um homem negro livre e que foi sequestrado e transformado em escravo. Para a análise teórico-metodológica lançamos mãos de autores como Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, Maurice Halbwachs entre outros autores que nos ajudaram a refletir sobre a temática, percebendo não só o que está explícito na trama, mas também o que foi silenciado. Ao analisar alguns pontos principais do filme concluímos que numa reflexão mais profunda, o filme deixa lacunas no tocante a resistências agenciadas por homens e mulheres que vivenciaram a escravidão no período abordado pela trama. Todavia, podemos salientar que o cinema continua sendo um terreno fértil como recurso metodológico para os diversos campos educacionais.

Palavras-chave: Cinema, escravidão, memórias.

CENA 1- INTRODUÇÃO

A escravidão tem acompanhado a humanidade desde a Antiguidade. Mesmo com as particularidades de cada lugar e época, ela chega ao mundo moderno galopando ferozmente com suas atrocidades. No mundo contemporâneo ela não mais galopeia, mas continua a aterrorizar com suas marcas de um passado/presente em forma de racismo, desemprego, fome e morte.

Neste sentido o atual artigo busca pensar sobre o filme “Doze Anos de Escravidão”, colocando em pauta algumas reflexões pertinentes sobre como a escravidão tem sido retratada pelo cinema. Podemos perceber que ao longo dos últimos anos, vários filmes de Hollywood, tem buscado refletir o mundo escravista. Doze anos

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, especialista em História do Brasil e da Paraíba pelas Faculdades Integradas de Patos – FIP, mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

de escravidão (2013), ganhador do Oscar de melhor filme em 2014, do diretor britânico Steve McQueen, é um filme que se encaixa nesse cenário de reflexão.

Filmes com temáticas sobre a escravidão ou Nazismo, continuam a ganhar papel de destaque nas discussões atuais, tendo em vista que temos presenciado um forte ressurgimento de discursos nazistas e racistas em nossa atualidade. Daí a importância de se buscar outros olhares sobre esses filmes.

CENA 2 – DA METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO: PENSANDO SOBRE CINEMA E FILMES

O trabalho do historiador no tocante ao uso das fontes, tem se ampliado cada vez mais em um leque de possibilidades. Neste sentido, a noção de arquivo também se amplia alcançando novos horizontes. De acordo com Foucault (2015, p.342):

É interessante ver que, em um nível mínimo, todo filme funciona como arquivo potencial e que, em uma perspectiva de luta, é possível se apoderar dessa ideia, passar para um estágio mais avançado, quando as pessoas organizam os filmes como uma prova circunstancial. É possível isso de duas maneiras radicalmente diferentes: Seja porque o filme coloca em cena o poder, seja porque ele representa as vítimas desse poder, as classes exploradas que, sem ajuda do aparelho de produção-difusão do cinema, com pouquíssimos meios técnicos se encarregam de sua própria representação, testemunham para a história.

Deste modo, os filmes se tornam um arquivo bastante rico em possibilidades de pesquisas também no campo da História. O desafio maior para os historiadores em nossa contemporaneidade é adentrar aos arquivos, percebendo-os como um cenário de duas vias, pois as imagens ali mostradas sinalizam o que vemos, mas também aponta para o que não conseguimos ver, daí a importância de treinarmos constantemente nosso olhar enquanto pesquisadores.

Em seu livro *Cinema como Arqueologia das Mídias*, Thomas Elsaesser busca refletir as transformações, os avanços e recuos, no âmbito da história do cinema. E com esse intuito mergulha nas contribuições teóricas e metodológicas de Michel Foucault:

[...] O legado de Foucault ainda é pertinente, pois ajuda a reivindicar o direito da importância epistemológica especial desse primeiro cinema e, por extensão, do cinema como tal nas diversas histórias da modernidade. Não só para contradizer ou matizar a noção de que o cinema é, acima de tudo, um

meio narrativo e o herdeiro do romance do século XIX, mas também para apoiar, de uma perspectiva histórica, o argumento cada vez mais reconhecível de que o cinema pode ser uma forma de pensamento, ou, como prefiro, uma forma de experimento mental (ELSASSER: 2018, p.35).

A importância do cinema nos nossos dias atuais continua pertinente, tendo em vista que ele representa formas de pensamentos, visões de mundo, um arquivo de suma importância para se refletir. Assim, buscamos treinar o nosso olhar tendo esses filmes como fonte, entendendo que:

Essas formas prévias de continuidade, todas essas sínteses que não problematizamos e que deixamos valer pelo direito, é preciso, pois, mantê-las em suspenso. Não se trata, é claro, de recusá-las definitivamente, mas sacudir a quietude com a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesmas, que são sempre o efeito de uma construção cujas as regras devem ser conhecidas e cujas justificativas devem ser controladas; definir em que condições e em vista de que análises algumas são legítimas; indicar as que, de qualquer forma, não podem mais ser admitidas [...] (FOUCAULT: 2019, p.31).

Foucault chama nossa atenção para não nos prendermos nas continuidades dos fatos, da história linear, mas que possamos perceber as rupturas, as brechas e lacunas dos eventos. Além disso, Lima Neto (2018, p.125) nos acrescenta que:

Cabe, todavia, ressaltar um dado importante: as cenas anteriormente vistas, seja com Merleau-Ponty, seja com Foucault, levam-nos a afirmar que não há mais um ponto fixo para o olhar, nem uma única posição para o corpo na experiência pedagógica. Na performance visual na qual nos engajamos enquanto espectadores, junto aos personagens, experimentamos um mapa de deslocamentos que está sempre incompleto e é cotidianamente refeito.

Assim, quando nos propomos a analisar um filme, partimos do pressuposto que não existe um ponto fixo no olhar, ao contrário, há um mapa de deslocamentos de múltiplos olhares, que está sempre incompleto e é passivo de ser sempre refeito. O desafio é educar o olhar nesse novo processo de constantes movimentos. Que possamos ser instigados pela reeducação de nosso olhar.

CENA 3 – O ROTEIRO: MEMÓRIAS DE UMA TESTEMUNHA OCULAR

O filme *Doze anos de Solidão* é baseado nas memórias de Solomon Northup publicado como livro em 1853. Assim, o que a princípio chama nossa atenção é que os

fatos narrados partem de uma testemunha ocular, que vivenciou e narrou os dissabores de sua própria trajetória enquanto escravo. Todavia, é importante salientar, que Northup não representa só a si com suas memórias, mas a várias gerações de escravizados.

Examinemos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referências que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mas do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS: 2006, p.72).

Filho de um ex-escravo, Northup nasceu livre no estado de Nova York. Em 1829, Northup casou-se com Anne Hampton, juntos, os dois tiveram três filhos. Em 1834, Northup e sua família viviam em Saratoga, no estado de Nova York. Homem instruído, ele trabalhava em diferentes atividades e tinha contratos para transportar madeira para vários lugares, e através dessas viagens, visitou Montreal e Kingston, no Canadá. Além disso, Northup também ganhava a vida como violinista, sabia ler e escrever muito bem, no entanto, essa sua condição de escravo instruído não era considerado pelos seus donos como um fator positivo, mas sim como uma ameaça.

Em 1841, Northup conheceu dois homens que o convidaram a seguir com eles até a cidade de Nova York, para apresentações com seu violino, como estava desempregado ele aceitou o convite e acabou em Washington, capital dos Estados Unidos, onde a escravidão ainda era vigente. Alguns dias após chegar à cidade, Northup foi drogado, sequestrado e vendido como escravo por seus companheiros de viagem. A partir daí começa a sua via cruzes como escravo.

Além da importância do filme *Doze anos de Escravidão* ter sido construído a partir das memórias deixadas por um homem negro que uma vez nascido livre foi sequestrado e tornado escravo, é interessante salientar ainda:

Duas coisas ocorrem atualmente no cinema. De um lado, os documentos históricos, que tem um papel importante. [...] E, por outro lado, há os personagens de ficção que, em um dado momento da história, condensam ao máximo relações sociais, relações com a história (FOUCAULT: 2015, p. 343).

No tocante ao filme aqui analisado, merece destaque não só as memórias de Solomon Northup que ele transformou em livro, mas o fato desse arquivo ter se

transformado em um cenário de reflexões, que nos faz pensar sobre os milhares de Solomon Northup que existiram enquanto durou a escravidão no mundo moderno. O filme é um grande marco, ao colocar como protagonista um homem de origem africana, que viveu a desumanidade da escravidão. Ainda assim, algumas questões devem ser examinadas.

CENA 4- LUZ E PENUMBRA: AÇÃO E SILENCIAMENTOS

4.1- A ESTRATÉGIA DO CINESTA E A VIOLÊNCIA EXPLÍCITA

Podemos perceber que o modo como às cenas do filme foram gravadas, mostramos as estratégias do cineasta no uso da câmera. A forma como a câmera é utilizada nas cenas mais tensas do filme, torna o espectador testemunha ou cúmplice dos horrores no tocante a escravidão.

Quando Northup (depois de escravizado, passa a ser chamado de Platt) é chicoteado, numa posição em que ele fica de joelhos e as mãos no chão, a câmera é colocada no chão em *contre-plongée*², ficamos então fixados na expressão de dor e humilhação de Northup, enquanto telespectador, somos transformados em testemunhas da tortura e horror da escravidão.

Em uma outra cena, Northup é amarrado por um feitor numa árvore com uma corda no pescoço, ele fica nas pontas dos pés para que não ocorra realmente o enforcamento. Esta cena é umas das mais emblemáticas do filme, ela demora alguns minutos, os quais se tornam uma eternidade para o espectador que assiste ao espetáculo de horror ali apresentado. Além disso, enquanto o escravo permanece ali, nas pontas dos pés lutando pela própria vida, tudo a sua volta acontece normalmente, crianças escravas brincam no campo, homens e mulheres trabalham como se nada estivesse acontecendo. A câmera permanece imóvel e estarrecedora, até que o proprietário de Northup chega e corta a corda. O espectador se sente por um instante aliviado.

Situação semelhante de desconforto e apreensão o espectador sofre com a cena em que a escrava Patsey é chicoteada por ter saído por alguns instantes do território do seu Senhor. Ao voltar, ela explica que teria ido à casa de uma madame, da qual ganhara

² **Plongée e Contra-Plongée**.é uma palavra francesa, que significa “**mergulho**”. A ideia aqui é fazer um **enquadramento** de cima para baixo, como se a câmera estivesse mergulhando.

um pedaço de sabonete como presente. Porém, mesmo as explicações de Patsey sendo verdadeiras, não são aceitas pelo seu dono. Ela então é amarrada ao tronco para receber as chibatadas. Nesta cena, a câmara permanece por alguns instantes nas expressões de dor e sofrimento do rosto de Patsey e depois passa a reverter mostrando suas costas já muito ferida, focando na expressão do seu rosto de horror.

O recurso do uso em várias posições da câmera de modo que deixe o espectador como testemunha pode ter sido utilizado por várias razões. Primeiro, coloca-nos para refletir sobre uma realidade que muitos hoje tendem a amenizar, e buscam esquecer. Segundo, nos põe em lugar de cúmplice, já que em numa sociedade egoísta e hipócrita que vivemos, é comum vermos as trajetórias e lutas dos grupos minoritários serem desqualificadas e ignoradas.

Assim, em diversas cenas o corpo humilhado, despido e desumanizado é exposto. E às vezes mesmo em silêncio, esses corpos dialogam o tempo todo com o espectador. Sobre esses cenários em que o corpo ganha foco, Foucault (2015, p. 368) nos afirma que:

[...] O que me parece novo no cinema de que falei é essa descoberta-exploração do corpo que se faz a partir da câmara. Imagino que nesses filmes a tomada deva ser de grande intensidade. Trata-se de um encontro simultaneamente calculado e aleatório entre os corpos e a câmara descobrindo alguma coisa, ressaltando um ângulo, um volume, uma curva, seguindo um traço, uma linha, eventualmente uma dobra. E depois, bruscamente, o corpo se desorganiza, se torna uma paisagem, uma caravana, uma tempestade, uma montanha de areia etc.[...].

A descoberta-exploração do corpo citada por Michel Foucault é nítida no filme *Doze anos de Escravidão*, à medida em que este se torna um modo pelo o qual o cineasta busca impactar o espectador.

O corpo é retratado de múltiplas formas, seja como uma mercadoria ou como uma máquina para o trabalho. Seja como lugar da exploração sexual ou como templo do terror. Os corpos carregam as identidades dos indivíduos naquela sociedade, ditando o lugar que deve ocupar no convívio social.

[...] Para garantir a coerência, a solidez e a permanência da norma, são realizados investimentos [...]. As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites

ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais ou patológicos (LOURO: 2004, p.82).

Na sociedade escravista, o corpo negro tem seu lugar reservado, ele é sinal de mercadoria, de exploração, de humilhação, desprezo e ódio. No entanto, as marcas dessas atrocidades, dessas relações de poder nos chega aos dias atuais, o racismo estrutural presente em nossa sociedade, tem como alicerce um esteriótipo construído ao longo do tempo por uma elite mesquinha, autoritária e hipócrita.

4.2- OS SILENCIAMENTOS

Embora o filme retrate com bastante clareza as memórias de Northup, e nos faça refletir sobre quão assombroso foi a escravidão, ele também ameniza algumas marcas deixadas por esse período.

Em uma cena inicial, quando Northup ainda era um homem livre, ele entra numa loja com sua esposa e seus filhos, para comprar uma bolsa nova para sua esposa que iria fazer uma viagem. O dono da loja o recebe muito bem, demonstrando inclusive, que ele é um freguês antigo. Enquanto negocia o valor da bolsa, um rapaz negro entra no local e observa Northup, em seguida o dono do rapaz entra na loja e se desculpa com o proprietário do lugar por seu escravo ter entrado ali. A cena demonstra que mesmo Northup sendo negro, é respeitado enquanto cidadão naquela sociedade.

Neste sentido, o filme mascara o racismo existente naquela sociedade. Tendo em vista, inclusive, que até na nossa realidade atual, as marcas da escravidão, estão mais presentes do que nunca, pois as pessoas continuam a sofrerem racismo de forma constante, simplesmente pela cor da sua pele.

Além disso, apesar das cenas tão impactantes, pensadas para nos tirar de nossa zona de conforto e nos colocar como pessoas atuantes para que nada desse passado traumático continuem a se repetir, o filme deixa a desejar no tocante às resistências agenciadas por homens e mulheres que viveram a escravidão. Pois a historiografia tem nos demonstrado:

_ que lá onde há poder há resistências e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. [...] Isso equivaleria a desconhecer o caráter estritamente relacional das correlações de poder. Elas não podem existir senão em função de uma

multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder (FOUCAULT: 2006, p.105-106).

Ao não evidenciar os diversos modos pelos quais os escravizados reagiram a essas relações de poder, de abusos de poder, o filme tira de cena os homens e mulheres que foram protagonistas na luta contra a escravidão. Tendo em vista, como nos esclarece Foucault, que as resistências ocorrem no campo relacional com o poder, é a partir da opressão, do confronto, que elas acontecem.

Interessante ainda observar, que Northup consegue que seu caso seja descoberto, e que finalmente volte a sua condição de liberto, quando homens brancos descobrem sua situação e chegam para o libertar do cativeiro no qual ficou durante 12 anos. A figura branca é exaltada como redentor, e mais uma vez, Northup que representa toda uma geração de escravizados, é demonstrado como uma vítima indefesa e passiva no cenário da escravidão.

CENA 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme “Doze Anos de Escravidão”, é de grande relevância no cenário mundial pela reflexão que propõe no tocante a temática da escravidão. Baseado em um relato verídico, ele usa como fonte as memórias, transformadas em livro, de Solomom Northup, o qual era um homem negro livre e foi sequestrado e transformado em escravo.

Numa reflexão mais profunda, percebe-se que o filme deixa lacunas no tocante a resistências agenciadas por homens e mulheres que vivenciaram a escravidão. Ainda assim, o filme é bastante impactante, nos obrigando a sair de nossa zona de conforto, ao que se refere a luta constante contra o racismo tão vivo na nossa sociedade atual.

De modo geral, neste artigo, lançamos apenas alguns olhares ao analisarmos este filme, muitos outros olhares podem ser lançados e treinados com outras perspectivas. Avante, sempre!

CENA 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELSAESSER, Thomas. Arqueologias das mídias: O legado de Foucault. In: _____. **Cinema como arqueologia das mídias.** Trad. Carlod Szlak. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

FOUCAULT, Michel. Anti-retro. In: _____. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema.** Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.(Páginas 330-345)

FOUCAULT, Michel. Sade, sargento do sexo. In: _____. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema.** Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. (Páginas 336-370)

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade do saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17ªed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. De Beatriz Sidou. 2ªed. São Paulo: Centauro, 2006.

LIMA NETO, Avelino. Ver com Foucault. In: _____. **O cinema como educação do olhar.** São Paulo: LiberArs, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Disponível em: <https://cinemacao.com/2020/03/25/be-a-ba-cinematografico-o-que-e-plongee-e-contra-plongee/> acesso em: 30/12/2020

Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/12-anos-de-escravidao/> acesso em: 30/12/2020

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912014000200257 acesso em: 30/12/2020